*Texto de apresentação: A FABULOSA GALINHA DE ANGOLA*

Boa tarde a todos!

Meninas e meninos,

Minhas senhoras e meus senhores, ilustres convidados,

Família e amizades,

Permitam-me que agradeça em primeiro lugar a quem tão gentilmente nos acolheu nestas esplêndidas instalações, tanto pelo seu valor simbólico e espírito unificador quanto pela sua funcionalidade e estética. Muito obrigada, Dra Anabela Carvalho, Dra Carmen Frade, foram várias as pessoas que abriram as portas calorosamente em nome da UCCLA à *Fabulosa Galinha de Angola* e seus convidados, tanto os da narrativa, como os presentes. Agradeço igualmente ao Dr. João Ima-Panzo, que aqui se encontra em representação da CPLP e à Dra Luzia Moniz, presidente da PADEMA, a *Mana Luzia*, e desculpem-me por não conseguir tratá-la com a formalidade devida. Alguém que antecipa a travessia do oceano e do deserto para se juntar a nós demonstra consideração mas sobretudo uma dose incomensurável de afeto, que retribuímos na mesma medida.

Uma palavra forte de gratidão também para a minha editora, Dra Avelina Ferraz, que confiou neste trabalho e decidiu dar o seu respaldo a esta aventura desde o início, legitimando-a com o selo da Editorial Novembro. O meu *muito obrigada* à Regina Correia, à Paula Lourenço e ao exímio músico que a acompanha, Bruno Fonseca. Estas duas mulheres maiúsculas são professoras, artistas e amigas de longa data que me amparam e aconselham nas viagens literárias mais espantosas e improváveis com objetividade, competência, criatividade e uma generosidade sem limites e que hoje têm que se materializar quase em simultâneo em vários outros locais devido a múltiplos compromissos.

Vale a pena escrever qualquer coisa só para vos ter por perto.

Antes mesmo de vos falar da génese desta narrativa deixem-me dizer-vos ainda que há uma particularidade nos elementos paratextuais do livro e que vocês vão também descobrir muito rapidamente. A nota introdutória e os pequenos apontamentos críticos da contracapa foram redigidos por três amigos de infância e adolescência, dois dos quais de Benguela. Essas pessoas são uma espécie de família adotada reciprocamente há mais de 40 anos, e fizeram um esforço considerável para estarem hoje connosco e se fazerem representar junto da FABULOSA…, não obstante ser sábado de carnaval e terem, como muitos de vocês, uma agenda absolutamente infernal. Merecem, por isso, uma referência muito especial e carinhosa.

Também entre o nosso público de novos e velhos amigos sei que houve quem fizesse uma ginástica inacreditável para voar até à UCCLA, como que por encanto, e juntar-se ao passaredo, pelo que temos todos os motivos para celebrar.

E agora vamos então falar só um bocadinho da origem desta história, que teve um momento zero muito real: na verdade há uma amiga que me ofereceu há uns dois anos estas exuberantes galinhas artesanais, conhecidas por galinhas do Cacuaco ou do Kikolo, nem mais nem menos do que as galinhas de Angola estilizadas. São peças feitas por um grupo de artistas portadores de deficiência, em Angola, apoiados, a nível de formação, entre outros, por ativistas de ONGs. Aliás, temos entre nós uma dessas voluntárias, Virgínia Maria Romão, que muito simpaticamente acedeu ao nosso convite.

Da contemplação dessas peças de artesanato nasceu em mim uma história que porventura ansiava por ser criada e esculpida, com alguns detalhes *rocambolescos* que as pessoas que escrevem arranjam sempre maneira de incluir nas narrativas mais inócuas. Na verdade eu comecei a achar que seria engraçado criar uma história com uma heroína improvável, e essa heroína seria *a galinha de Angola*, conhecida também por uma infinidade de outros nomes nos vários países de língua portuguesa como capota, galinha-do-mato, Guiné, pintada, galinhola, cocá ou fraca. Ou ainda galinha-da-índia, como se adivinhasse que conheceria os seus primeiros leitores justamente na Avenida da Índia…. Uma ave que não seria necessariamente a mais bonita nem a mais inteligente, nem a mais faustosa, talvez até com algum grau de vulnerabilidade, mas que era vistosa, alegre, conciliadora, justa, corajosa, assertiva e ambiciosa. Alguém com essas caraterísticas só podia ser …FABULOSA! Houve um título que cheguei a ponderar e que era *O PÁSSARO QUE QUERIA SER CAPULANA*, para acentuar essa busca de cor e brilho mas *A Fabulosa…* acabou por se impor por si mesma e o título prévio passou a ser lembrado apenas como uma «cena cortada» do filme não obstante as possíveis utilizações futuras.

Eu queria sobretudo uma história com cores garridas e ritmo, protagonizada por aves que pudessem percorrer grandes distâncias atravessando com a narrativa vários pontos do continente africano. Mas depois, ou antes, senti a necessidade de fixar o enredo em Benguela, que é uma cidade costeira do Sul de Angola, inevitável e insubstituível nas minhas memórias e que eu chamo também *minha*, por ser a terra do meu pai e a cidade da minha infância quando ainda só sabia desenhar e ouvir histórias antes de conseguir escrevê-las. A galinha de Angola está aqui acompanhada de muitas outras aves, que com ela voam, cacarejam ou piam ao longo destas páginas e a ajudam a tomar consciência de todos os problemas que as afetam. Talvez elas sejam mais dotadas do que nós, seres humanos, para encontrar os caminhos mais consensuais e favoráveis rumo a uma existência pacífica e harmoniosa. Talvez elas consigam identificar e nomear as dificuldades que as magoam e prejudicam e esquivar-se às pragas do racismo, da xenofobia, da intolerância e perceber, entre si, porque é que algumas espécies estão a desaparecer…talvez…mas são apenas suposições que cada um de vocês irá confirmar ou desmentir depois de ler o livro e comentá-lo em família ou na escola, discuti-lo e brincar *com e como* as personagens, usufruir das ilustrações de Elsa Ribeiro, que quanto a mim são muito bonitas além de serem muito fiéis ao texto, e com as tonalidades exatas para que todos nós, mesmo as crianças pequenas que ainda não estão escolarizadas, possamos ler esta história com os recursos que temos. Uns vão valorizar e ler mais as imagens, outros lerão o texto, outros vão ouvi-lo pela voz da avó, do pai, da tia ou do irmão mais velho. E outros ainda, consoante a idade e o gosto pessoal, que é uma coisa que se vai desenvolvendo à medida que se multiplicam e diversificam as leituras, vão usufruir plenamente desta história ilustrada que há muito deixou de ser só minha e agora é mais do que tudo, vossa.

Trata-se de uma pequena contribuição para aquilo que alguém já chamou educação para a empatia, no sentido da inclusão e do respeito pela diversidade. Embora seja ficção e se pretenda essencialmente lúdica, uma história que divirta e preencha espaços virgens na edificação da personalidade, se puder cumprir essas funções acessoriamente, garanto-vos que me sinto profundamente recompensada e grata.

Para aqueles que ainda estão acordados e também para os que sucumbiram ao cansaço, o meu agradecimento pela vossa infindável paciência e resistência.

**Esta é a história da FABULOSA GALINHA DE ANGOLA que *um passarinho me contou*.**

Lisboa, 22/02/2020

Luísa Fresta